

— Eu sabia que viriam a mim essa noite — declarou C’baoth, levantando-se do trono. — Desde o instante em que saíram de Coruscant, eu sabia que viriam. Por isso escolhi essa noite para que o povo da minha cidade atacasse os opressores.

— Isso não era necessário — disse Luke, recuando um passo à medida que suas lembranças de Jomark retornavam.

Lá, C’baoth tentara corrompê-lo com sutileza para o Lado Negro... e quando falhara, quis matar a ambos.

Mas não poderia tentar nada parecido naquele momento. Não sem a Força.

— Claro que era necessário. Vocês precisavam de uma distração para chegar até minha prisão — argumentou ele. — E eles precisavam de motivação. Que melhor motivação pode haver do que morrer a serviço de um Jedi?

Mara resmungou alguma coisa.

— Acho que você entendeu ao contrário — disse Luke. — Os Jedi eram os guardiões da paz. Os servidores da Velha República e não seus mestres.

— E exatamente por isso a Velha República não deu certo, Jedi Skywalker. Por esse motivo falharam e morreram todos.

— A Velha República durou um milhar de gerações — argumentou Mara. — Isso não me parece um fracasso.

— Talvez não. Mas vocês são jovens, ainda não enxergam as coisas com clareza.

— E você, sim. C’baoth sorriu para ela.

— Sim, minha jovem aprendiz. Enxergo com clareza, assim como vocês vão enxergar.

— Não conte com isso. Não estamos aqui para libertar você.

— A Força não se apoia no que você pensa que são seus objetivos. Nem os verdadeiros mestres da Força. Quer saibam disso, ou não, vieram até aqui a meu comando.

— Pode acreditar nisso, se quiser — respondeu Mara, movendo ameaçadora o cano do desintegrador. — Afaste-se daí.

— Pois não, minha jovem aprendiz — disse C'baoth, dando três passos na direção indicada. — Ela tem grande força de vontade, Jedi Skywalker. Será uma mulher de grande poder na Galáxia que construiremos.

Mara aproximou-se para examinar os consoles embutidos no descanso.

— Não — objetou Luke, numa última tentativa de trazer o Jedi louco à razão. Salvá-lo, como salvara Vader, a bordo da Estrela da Morte. — Você não está em condições de construir coisa alguma, Mestre C'baoth. Você não está bem. Mas posso ajudá-lo se colaborar.

O rosto barbado fechou-se.

— Como ousa dizer uma coisa dessas? Como ousa sequer *pensar* uma blasfêmia dessas contra o Mestre Jedi C'baoth?

— Esse é o problema — insistiu Luke, com delicadeza. — Você não é o Mestre Jedi C'baoth. Pelo menos, não o original. A prova está nos registros do *Katana*. Jorus C'baoth morreu há muito tempo, durante a Missão Intergaláctica.

— Ainda assim, estou aqui.

— Sim. *Você* está. Mas não é Jorus C'baoth. Você é clone dele.

O corpo de C'baoth ficou rígido.

— Não. Não pode ser. Luke balançou a cabeça.

— Não existe outra explicação. Com certeza esse pensamento já ocorreu a você antes.

C'baoth inspirou longamente... e de repente, atirou a cabeça para trás e riu.

— Cuidado com ele — avisou Mara, observando-o ao lado do trono. — Ele tentou o mesmo truque em Jomark, lembra?

— Está tudo bem — disse Luke. — Ele não pode nos fazer mal.

— Ah, Skywalker, Skywalker... — disse C'baoth, sacudindo a cabeça.

— Você também? O Grande Almirante Thrawn, a Nova República e agora você. Por que essa súbita fascinação com clones e clonagem? — Ele gargalhou outra vez e numa fração de segundo tornou-se sério: —

Ele não entende, Jedi Skywalker. Nem o Grande Almirante Thrawn, nem ninguém. O verdadeiro poder do Jedi não é fazer truques simples com matéria e energia. O verdadeiro poder do Jedi é que só nós, em toda a criação, possuímos o poder de crescer além de nós mesmos. Estender a nós mesmos em todos os cantos do Universo.

Luke olhou para Mara e encolheu os ombros.

— Também não entendemos. O que quer dizer com isso? C’baoth deu um passo na direção dele.

— Eu já o fiz, Jedi Skywalker — sibilou ele, com um brilho malévolos nos olhos. — Com o general Covell. Algo que o próprio Imperador nunca fez. Tomei a mente dele em minhas mãos e a alterei. Remodelei tudo à minha própria imagem.

Luke sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

— Como assim, remodelou?

Uma espécie de sorriso secreto torceu os lábios de C’baoth.

— Reconstruí tudo. E foi só o começo. Abaixo de nós, nas profundezas da montanha, um exército Jedi está em formação para nos servir. O que fiz com o general Covell vou fazer uma vez depois da outra. O que o Grande Almirante nunca chegou a compreender, é que o exército que ele pensa ser dele, está sendo criado para mim.

Num relance, Luke entendeu. Os clones crescendo na caverna não eram apenas idênticos ao modelo original. Suas mentes também eram ou parecidas o suficiente para ter apenas pequenas variações do padrão. Se C’baoth aprendesse a penetrar a mente de qualquer um deles, faria o mesmo a todos daquele grupo.

Olhou para Mara. Ela também compreendera.

— Ainda acha que ele pode ser salvo? — indagou ela.

— Não preciso ser salvo por ninguém, Mara Jade. Me diga uma coisa: acredita mesmo que eu permitiria que o Grande Almirante me prendesse aqui?

— Não acho que ele tenha pedido sua permissão — respondeu Mara, erguendo-se ao lado do trono. — Não há nada para nós aqui, Skywalker. Vamos embora.

— Ainda não dei permissão para saírem — disse C’baoth, a voz alterada. Ergueu a mão, que segurava um pequeno cilindro. — E não sairão.

Mara gesticulou com o desintegrador.

— Você não está pretendendo nos deter com isso, está? Um acionador remoto precisa de alguma coisa para acionar.

— Tem toda a razão — concordou C'baoth, sorrindo. — Eu pedi que meus soldados preparassem algo para mim. Antes, eu os mandei para fora da montanha, com as armas e ordens para o meu povo.

— Claro — disse Mara, dando um passo na direção da saída e localizando com o olhar o corrimão antes de segurá-lo. — A gente aceita sua palavra.

— Não precisam aceitar minha palavra — declarou C'baoth, pressionando o interruptor.

No fundo da mente de Luke algo alienígena deu a impressão de gritar em agonia...

E uma onda de energia e consciência pareceu preenchê-lo. Como se estivesse acordando de um sonho profundo, ou saindo de um quarto escuro para a luz.

A Força estava com ele outra vez.

— Mara! — gritou ele.

Porém era tarde. O desintegrador de Mara já fora arrancado da mão dela e atirado para o outro lado do aposento. Ao mesmo tempo em que Luke saltou na direção dela, faíscas azuladas brotaram da mão estendida de C'baoth.

A descarga apanhou Mara em cheio, no peito, atirando-a para trás, contra o corrimão metálico.

— Pare! — gritou Luke, acionando seu sabre-laser. C'baoth ignorou-o, disparando novo feixe de faíscas. Luke aparou a maior parte com a lâmina, fazendo uma careta ao ser atingido por uma delas. C'baoth disparou mais uma carga, depois uma quarta e uma quinta... E de repente baixou a mão.

— Você não pode me dar ordens, Jedi Skywalker. Eu sou o mestre e você é o servo.

— Não sou seu servo.

Luke recuou e olhou para Mara. Ela ainda estava em pé, apoiando-se no gradil. Os olhos abertos não pareciam conscientes e a respiração se efetuava em pequenos gemidos. Apoiando a mão livre no ombro dela,

Luke fez uma careta ao sentir o cheiro forte de ozônio; observou-a para avaliar os ferimentos.

— Você é meu servo — afirmou C'baoth, com arrogância. — Assim como ela. Deixe-a, Jedi Skywalker. Ela precisou de uma lição, que agora foi aprendida.

Luke não respondeu. Nenhuma das queimaduras parecia grave, mas os músculos ainda se contorciam em espasmos. Projetando a Força, ele tentou retirar um pouco de dor.

— Eu disse, deixe-a em paz — repetiu C'baoth, a voz ecoando de forma lúgubre pela sala do trono. — A vida dela não está em perigo. Economize sua força para o julgamento que o aguarda.

Dramaticamente, levantou a mão e apontou.

Luke voltou-se. Ali, em silhueta contra o modelo holográfico da Galáxia, havia uma figura usando o mesmo tipo de túnica marrom que C'baoth usava. Uma figura que de alguma forma parecia familiar...

— Não há escolha, meu jovem Jedi — disse C'baoth, com voz suave. — Não compreende? Você deve servir a mim, ou não será capaz de salvar a Galáxia dela mesma. Portanto, deve enfrentar a morte para emergir ao meu lado... ou morrer para que outro possa tomar seu lugar. — Ele levantou os olhos para a figura. — Venha, e enfrente seu destino.

A silhueta avançou na direção da escada, retirando o sabre-laser do cinto enquanto caminhava. Com o brilho das estrelas no holograma atrás de si, ainda era impossível distinguir-lhe as feições.

Luke deu um passo para a frente, com uma estranha pressão formando-se na mente. Havia algo de perturbante e familiar sobre aquele confronto. Como se estivesse a ponto de enfrentar alguém ou algo que já tivesse enfrentado antes...

De repente, a memória funcionou. Dagobah... seu treinamento Jedi... e a caverna negra onde Yoda o enviara. Seu breve confronto no sonho com uma visão de Darth Vader...

Luke passou a respirar como se fosse perder o fôlego, com uma horrível suspeita em seu coração. Mas, não... a figura silenciosa que se aproximava não tinha altura para ser Darth Vader. Mas então quem seria?

Então o vulto atingiu a luz. Tarde demais, Luke recordou-se como o combate no sonho terminara. A máscara de Vader se havia quebrado e

a face atrás dela era o rosto de Luke.

Assim como as feições que o fitavam, sem demonstrar emoção alguma.

Luke sentiu a si mesmo afastando-se dos degraus, a mente paralisada com o choque e com a pressão.

— Sim, Jedi Skywalker — disse C’baoth, baixinho. — Ele é você. Luke Skywalker, criado a partir da mão que você perdeu na Cidade das Nuvens, em Bespin. Empunhando o sabre-laser que você perdeu lá.

Luke reparou na arma nas mãos do clone. O sabre-laser que Obi-wan lhe dissera que seu pai deixara para ele.

— Por quê?

— Para fazer com que você entenda de verdade. E para que seu destino seja cumprido. De uma forma ou de outra, vai me servir.

Luke olhou rápido para o Mestre Jedi, que o observava, os olhos repletos de antecipação. E de loucura.

Naquele instante, o clone Luke atacou.

Saltou para o topo da escadaria, acionando o sabre-laser e impulsionando a luz azulada contra o peito de Luke, que saltou para o lado e aparou o golpe com a própria lâmina. O impacto do encontro desequilibrou-o e quase derrubou a própria arma. O clone Luke saltou em sua direção, já preparando novo ataque; projetando a Força, Luke atirou-se para trás, passando sobre a grade e caindo numa das guaritas elevadas que se elevavam da parte inferior da sala trono. Precisava de tempo para pensar e planejar, e para encontrar uma maneira de eliminar as distrações de sua mente.

Mas o clone Luke não pretendia lhe dar esse tempo. Apoiando-se na grade, ele usou o sabre-laser contra a plataforma onde estava Luke. Não foi um golpe perfeito, pois a lâmina cortou apenas metade da base, mas foi o suficiente para inclinar a guarita. Utilizando a Força, Luke saltou para trás, tentando atingir a passarela que conduzia ao trono, cinco metros atrás.

Contudo, a distância revelou ser maior do que ele calculara, ou sua mente estava distraída demais para utilizar a Força. A parte traseira do joelho bateu contra a grade, e ao invés de cair em pé, Luke caiu de costas.

— Não queria que isso acontecesse a você, Jedi Skywalker — disse a voz de C'baoth. — Não quero que aconteça. Junte-se a mim e deixe-me ensinar você. Juntos, podemos salvar a Galáxia das pessoas inferiores, que a destruiriam.

— Não — disse Luke, com voz abalada pelo esforço. Enquanto recuperava o fôlego, viu o clone apanhando a arma, e começando a descer as escadas, em sua direção. O clone. Seu clone. O que estaria causando aquela pressão em sua cabeça? Seria a presença de uma duplicata exata de si mesmo?

Não sabia, assim como ignorava o propósito de C'baoth em promover o confronto. Obi-wan e Mestre Yoda tinham-no avisado que matar enraivecido, ou cheio de ódio podia levá-lo para o lado negro. Será que matar um clone teria o mesmo efeito?

Ou C'baoth imaginara algo diferente? Acreditando que matar o próprio clone enlouqueceria Luke?

De qualquer forma, não estava nada ansioso para descobrir. Ocorreu-lhe que não precisava ficar ali. Poderia saltar para o outro lado da passarela, entrar no turboelevador e escapar dali.

Deixando que Mara enfrentasse C'baoth sozinha.

Levantou os olhos. Mara ainda estava apoiada no gradil, ainda não consciente de todo. Com certeza impossibilitada de correr.

Cerrando os dentes, Luke levantou-se. Mara pedira a ele... suplicara... que a matasse ao invés de deixá-la nas mãos dele. O mínimo que podia fazer era ficar com ela até o fim.

Fosse o fim dela... ou dele.

A explosão viajou por toda a extensão da caverna como um trovão distante, ainda que abafado.

— Escutou isso, Chewie? — indagou Lando, olhando com cautela por sobre a borda da ponte. — Acha que explodiram alguma coisa por lá?

Chewbacca, com as mãos cheias de cabos e equipamentos diversos, colocando o corpo para fora da coluna central, fez uma correção: não fora uma grande explosão, mas muitas explosões simultâneas. Pequenas cargas de tempo, ou algo com o mesmo poder destrutivo.

— Tem certeza? — indagou Lando, pouco à vontade, espiando os tanques de clonagem abaixo.

Aquilo não parecia nenhum defeito de funcionamento.

Enrijeceu. Pequenas colunas de fumaça elevavam-se dos substratos nutrientes no alto de cada tanque de clonagem. Muitas delas, elevando-se simultaneamente, indicando um padrão. Como se algo no alto de cada cilindro Spaarti tivesse explodido...

Escutou o som de metal contra metal atrás de si. Voltou-se para deparar com Threepio em pé na plataforma de trabalho, a cabeça voltada para a caverna.

— Isso é fumaça? — indagou o dróide, sem saber se queria mesmo escutar a resposta.

— Para mim, é o que parece — confirmou Lando. — O que está fazendo aqui?

— Ah, sim — lembrou Threepio, olhando para Lando. — Artoo encontrou os esquemas dessa coluna de equipamentos. Sugere que a possibilidade de desviar um acoplador de fluxo negativo à linha de força principal deve ser examinada.

Recebendo o cartão de dados que o dróide estendia, Lando passou-o a Chewbacca. Ele e o wookiee não estavam muito visíveis contra as cores apagadas da coluna e a rocha do teto, porém Threepio se destacava como um pingo de ouro na lama.

— Agora saia daqui antes que alguém o veja!

— Ah, sim. Já vou sair. E que lembrei que Artoo localizou a fonte da interferência nos comunicadores. O capitão Solo nos deu ordens para...

— Claro. Vão em frente — cortou Lando, ficando com a impressão de ter visto algo se mover no andar de baixo. — E levem os noghri com vocês.

— Artoo e eu? — espantou-se o dróide. — Mas, senhor... Um raio brilhante e azulado interrompeu a frase, vindo do andar abaixo.

— Um disparo de efeito moral! Saia daí, Threepio — gritou Lando, atirando-se contra o piso da plataforma.

Um segundo disparo ricocheteou na coluna, acima de sua cabeça, e ele sacou o desintegrador.



— Sim, senhor — respondeu o dróide e sem precisar de mais incentivo, saiu da ponte.

Chewbacca rosnou uma pergunta.

— Lá de baixo, parece — respondeu Lando. — Mas cuidado, é capaz de ter mais gente chegando.

Um terceiro disparo atingiu a parte inferior da plataforma e dessa vez Lando avistou o soldado abaixado atrás de um dos cilindros de clonagem. Disparou duas vezes, derrubando o inimigo e destruindo o cilindro Spaarti.

Atrás dele, o tiro da besta de Chewbacca provocou outra faísca azul.

Lando percebeu a situação. Não estavam em situação desesperadora, pois os homens do Império não utilizariam nada muito potente enquanto estivessem ao lado da coluna de equipamentos. Ao mesmo tempo, os próprios homens do Império não tinham cobertura alguma, exceto os tanques de clonagem. O que significava que eles só podiam permanecer ali, sem incomodar os invasores, e ainda ser atingidos, junto com os cilindros.

Ou então podiam mover-se até um ângulo tal que o equipamento não corresse riscos.

Do outro lado, Chewbacca rugiu. Os homens do Império se retiravam.

— Provavelmente vão subir até o nosso andar — concordou Lando, olhando para as portas que se abriam para a passarela.

Pareciam bastante resistentes, quase como uma porta blindada de espaçonave. Se Han e os noghri tivessem feito um bom trabalho ao lacrá-las, elas deveriam segurar os soldados do Império por algum tempo.

Exceto a porta da sala das bombas, onde Artoo estivera trabalhando. Han deixara aquela porta para que eles saíssem. Lando fez uma careta, mas não tinha nenhuma outra opção. Apoiou a arma na grade, apontou com cuidado para a caixa de controle e apertou o gatilho. A cobertura externa da caixa brilhou e deformou-se; por alguns segundos emitiu um fio fino de fumaça.

E pronto. Os homens do Império estavam trancados ao lado de fora. Ele e Chewbacca estavam trancados do lado de dentro.

Mantendo-se abaixado, rastejou até o outro lado da coluna. Chewbacca estava de volta ao trabalho, com as mãos cheias de graxa enfiadas no meio dos cabos e tubulações. A prancheta estava aos pés dele.

— Algum progresso? — quis saber Lando.

O wookiee tocou com o pé a prancheta de leitura, a seus pés, e Lando entortou o pescoço para olhar. Tratava-se de uma secção esquemática do chicote de cabos, mostrando uma junção com oito cabos.

Exatamente acima da junção, havia um regulador de fluxo positivo.

Lando concordou com um gesto de cabeça, sentindo uma sensação estranha.

— Você, por acaso, não está pensando naquele acoplador de fluxo negativo que Artoo sugeriu, está?

Como resposta Chewbacca retirou a mão do meio dos cabos, puxando o acoplador, com o fio um pouco exposto.

— Espere um pouco. O que esse fio é capaz de fazer? Escutara muitas histórias sobre o que acontecia quando se dirigia um acoplador de fluxo negativo num detonador de fluxo positivo, e usar uma corrente positiva ao invés de um detonador não parecia nada seguro.

O wookiee contou. Ele tinha razão. Usar um regulador não seria nada seguro. Na verdade, era até mais perigoso.

— Não vamos exagerar aqui, Chewie. Viemos para destruir os cilindros de clonagem, não para derrubar a caverna em cima de nós.

Chewbacca rosnou, com insistência.

— Muito bem, mas então vamos deixar como último recurso.

O wookiee voltou ao trabalho. Lando guardou o desintegrador e apanhou duas cargas em sua mochila. Era bom ele manter-se ocupado enquanto tentava descobrir como iria passar pelas portas lacradas e depois pelos soldados da tropa de choque.

Nesse ponto, as alternativas acabavam por cair de volta à idéia de Chewbacca, e seu esquema de ressonância arritmica do núcleo de energia... e naquele caso, sair dali seria uma questão acadêmica.

Abrindo com a mão um espaço nos cabos de energia, Lando começou a trabalhar.

O contador emitiu seu aviso de cinco segundos... e Wedge inspirou profundamente. Chegara o momento. Esticou a mão para os controles de hiperespaço...

E o céu pintalgado do hiperespaço transformou-se em riscos luminosos, depois em estrelas. Ao seu redor, a Esquadrilha Rogue apareceu, ainda em formação; à frente, padrões de luzes e o contorno de um estaleiro espacial.

Haviam chegado aos estaleiros de Bilbringi. Só que chegaram alguns segundos antes. O que devia significar...

— Alerta de combate! — disse Rogue Dois. — Caças TIE se aproximando, a dois-nove-três, ponto vinte.

— Todas as naves... estado de combate de emergência — comandou a voz grave do almirante Ackbar. — Formação de defesa. Comando de batalha estelar mantenham posição. Parece ser uma armadilha.

— Parece mesmo — resmungou Wedge para si mesmo. Manobrou para bombordo e arriscou-se a dar uma olhada nos monitores. Com certeza havia cruzadores interceptadores, que os haviam trazido do hiperespaço, recuado do grupo principal de naves que começavam a assumir posições de batalha. A julgar pela forma com que foram abordados, as naves da Nova República não retornariam tão cedo para a velocidade da luz.

A seguir, os caças TIE caíram sobre eles e não houve mais tempo para conjecturar porque o ataque-surpresa planejado com todo cuidado falhara antes mesmo de começar. No momento, a única questão admitida era relativa à sobrevivência, uma nave e um combate de cada vez.

Os passos aproximavam-se da esquina a dez metros de distância e continuaram em sua direção; Han pressionou o corpo contra uma porta levemente recuada, a única proteção relativa à vista. Abandonou a idéia de que os inimigos não o veriam e preparou-se para o inevitável tiroteio.

Na verdade, não havia motivo algum para que estivessem ali em cima. A julgar pelos relatórios que examinou, parecia que todos os que pudessem segurar um desintegrador se encontrariam vinte andares abaixo, combatendo os nativos, que haviam invadido a guarnição. Os níveis superiores não pareciam estar ocupados e nada havia ali que necessitasse proteção, a não ser C'baoth.

Os passos aproximaram-se. Seria muito azar encontrar um par de desertores querendo fugir da luta.

De repente, a cinco metros de distância, o ruído cessou... e no silêncio que se estabeleceu, ele escutou um arfar.

Fora avistado.

Han não hesitou. Empurrando a porta, ele saltou para o corredor, tentando repetir seu truque anterior, ou pelo menos fazer o melhor que pudesse sem Chewbacca para fornecer apoio. Havia menos gente do que esperara a princípio, e perdeu quase meio segundo apontando o desintegrador na direção deles...

— Han! — gritou Leia. — Não atire!

A surpresa fez com que ele se esquecesse do impulso e o resultado foi um encontrão na parede oposta. Era Leia, mesmo. Acompanhada por Talon Karrde, com aqueles dois mascotes dele.

— O que diabo está fazendo aqui? — indagou ele.

— Luke está em dificuldades — disse ela, sem fôlego, avançando e abraçando-o com força. — Ele está aí na frente, em algum lugar...

— Calma, meu bem — pediu Han, segurando-lhe o braço. — Está tudo bem. Sabíamos dos ysalamiri quando entramos.

— Esse é o problema. Não estão mais aqui. A Força voltou. Pouco antes de você buscar cobertura.

— C'baoth... tem de ser ele — murmurou Han.

— Ele mesmo — confirmou Leia, estremecendo. Han olhou para Karrde.

— Fui contratado para destruir o depósito do Imperador — afirmou o contrabandista. — Trouxe Sturm e Drang para nos ajudar a encontrar Mara.

Han voltou a atenção para os vornskr.

— Trouxe alguém mais com você? — perguntou ele a Leia. Ela balançou a cabeça, numa negativa.

— Encontramos um grupo de soldados três andares abaixo vindo para esse lado. Nossos dois noghri ficaram atrás para combatê-los.

— E quanto ao seu pessoal? — quis saber Han, olhando para o contrabandista.

— Estão no *Wild Karrde*. Guardando nossa fuga, caso tenhamos a oportunidade de sair daqui.

— Então somos só nós — concluiu Han, girando com Leia e dirigindo-se corredor abaixo. — Vamos, eles estão na sala do trono... sei onde fica.

Enquanto corriam, ele tentou não pensar sobre a última vez em que enfrentara um Jedi do Mal. Fora na Cidade das Nuvens, em Bespin, quando Vader o torturou, depois mandou congelá-lo em carbonita.

De alguma forma, pelo que Luke contara, não esperava que C'baoth fosse tão civilizado.